

Ana Paula Coutinho

Universidade do Porto

António Ramos Rosa e Robert Bréchon: dois poetas ao espelho de uma poesia sem fronteiras

*Un dialogue est une chaîne ou une couronne de fragments. Un échange
de lettres est un dialogue à plus grande échelle, et des Mémorables
sont un système de fragments.*

Friedrich Schlegel

Une amitié, ce n'est peut-être qu'un échange de lexique
Edmond Jabès

1. A dimensão intrinsecamente dialógica da poesia ramos-rosiana já por várias vezes resultou na escrita a quatro (ou mais) mãos, com a consequente publicação de livros de poemas em co-autoria. Depois de ter abordado algumas dessas práticas de cumplicidade em “A Poesia como Corrente Electiva”,¹ tenho finalmente a possibilidade de me debruçar sobre um desses livros comunitários, de que haviam sido publicados apenas alguns poemas, num dos cuidados e belos destacáveis da *Colóquio/Letras*.² Foi, de facto, extraordinariamente longo e alheio aos autores, o processo de publicação de *Meditações Metapoéticas/Méditations Métapoétiques*³ de António Ramos Rosa e Robert Bréchon, constituindo certamente um caso raro, senão mesmo único, no contexto tanto da edição em Portugal como, em geral, da escrita poética, uma vez que não se está perante apenas uma versão mais de “poesia alternada”, na tradição do “canto amebou” dos antigos gregos, ou dos diferentes cantos populares a despique. Neste livro bilingue, onde aparecem numerados 146 poemas – fruto de uma organização final de Robert Bréchon –, há, na

¹ Vd. Ana Paula Coutinho Mendes – “A Poesia como Corrente Electiva”, *Colóquio/Letras*, 143-144, Janeiro-Junho 1997, pp. 184-194.

² *Loc.cit.*, nº 132/133, Abril-Setembro de 1994.

³ António Ramos Rosa e Robert Bréchon – *Meditações Metapoéticas/Méditations Métapoétiques*, Lisboa, Caminho, 2003. Todas as citações deste livro serão seguidas do número de páginas desta edição e, salvo indicação contrária, remetem para os poemas na sua versão original.

realidade, exactamente o dobro desses poemas, pois cada um deles, escrito na língua materna por cada um dos poetas, surge também traduzido pelo outro.⁴ Por conseguinte e em rigor, existe uma dupla alternância: a de vozes e de idiomas, sendo que cada poeta não se limita a escrever um poema na sua língua materna mas também traduz, ou reescreve, o poema do outro, de modo que é como se cada poema passasse também a ter uma dupla autoria.

Mas, antes de qualquer outra consideração que procure desenvolver os efeitos simbólicos dessa (con) fusão de vozes, merece ser salientado que este livro representa um auge da cumplicidade discreta de dois poetas que se conhecem e se lêem há mais de quatro décadas, para além de cada um deles ter sido, ao longo desses anos, um entusiasta mediador da poesia (e da literatura em geral) da língua do outro.

Dois dos primeiros poemas do livro deixam registadas, com subtil discrição, marcas de encontros pessoais, no início da década de 60, quando Robert Bréchon, então Conselheiro Cultural da Embaixada de França e Director do Institut Français de Lisboa, privava com o autor de *Ocupação de Espaço*. Na voz do poeta e crítico francês⁵ essas memórias conduzem à convicção da existência, já à época, de uma forte cumplicidade poética:

*Je me souviens de nos repas de fête
Jadis dans la jeunesse de notre amitié
Tu étais à l'aurore de ta vie
Recluse en poésie et nous allions
Au Rossio ou vers Alcântara
Partager avec Vergílio⁶ le pain des rêves
Tu mangeais les mots en parlant
Je buvais les images sur ta bouche
Et le vinho verde éclairait la nuit
Ainsi en ce temps-là au bord occidental
Du monde ancien s'accomplissait le rite
Du partage de la parole
Différente était notre langue
Différente notre mémoire
Mais nous allions d'un même pas
Et nous visions d'un même geste
La cible qui nous défie à la fin des temps. (pp. 50 e 52)*

Oportunidade para, de imediato, o poeta português reagir com o seu habitual entusiasmo pelo interlocutor e com a memória da sua (e à época da maioria dos intelectuais portugueses) arrebadora francofilia:

*Eu vi nos teus olhos cintilar a lucidez
e o ingénuo alvoroço ávido de vida
Não eras um estrangeiro porque a França era a minha segunda pátria*

⁴ Com a colaboração atenta de dois “revisores”: Agripina Costa Marques nas traduções para português, e Filipe Jarro nas traduções para francês.

⁵ Autor de livros de poesia como *Les Ouvrages du Temps* (Chambelland, 1969), *La main de l'homme* (L'Arbre, 1996) e *Echos, reflets, mirages* (Aden, 2003), bem como de ensaios sobre poesia do séc. XX, de que se destacam, além dos estudos sobre Fernando Pessoa, aqueles que dedicou a Henri Michaux e ao Surrealismo.

⁶ Trata-se efectivamente de Vergílio Ferreira, a quem António Ramos Rosa apresentou Robert Bréchon que viria a tornar-se também um leitor atento da obra vergiliana.

António Ramos Rosa e Robert Bréchon:
dois poetas ao espelho de uma poesia sem fronteiras

*A pátria dos poetas e dos filósofos que eu amava
(...)
Que orgulho eu sentia em ser teu companheiro
porque tu eras filho da França que me deslumbrava
e escreveras sobre Pessoa páginas fulgurantes (p. 54)⁷*

Nada existe que possa surpreender nesta referência directa àquele outro vértice – terceiro incluído no encontro destes dois poetas; aliás, mais para a frente no livro, deparar-se-á com um poema de Ramos Rosa dedicado expressamente a Fernando Pessoa, onde se parte de uma encenação discursiva que permite, primeiro, ao eu-Ramos Rosa e, logo num segundo momento, ao eu-leitor/tradutor Robert Bréchon, mostrarem como também sua a voz ecoada de Pessoa “Ouvi a melodia da tua mágoa infinita /e ela era mais minha e mais real do que todas as verdades”(p.268).

No respeitante ao poeta e crítico francês que já um dia escreveu, em “Ode a Fernando Pessoa”: “De mim até mim o caminho mais curto passa por ti”,⁸ a sua iniciação à obra pessoana data exactamente desses inícios da década de 60, tendo essa rendição intelectual sido regularmente cultivada e partilhada ao longo do tempo, até chegar àquela que substituí, porventura, a expressão mais ousada e mais fascinante de uma osmose com o “nomadismo interior” da obra e vida de Fernando Pessoa – a monumental biografia *Étrange étranger: une biographie de Fernando Pessoa*, dada à estampa em 1996.⁹

No entanto, tão ou mais importante que a oportuna e justa alusão de Ramos Rosa ao pessoanismo do lusitanista Robert Bréchon, impõe-se o facto de, no âmbito de versos de cunho memorialista e de valor autobiográfico, rapidamente surgir a referência a uma relação mediatizada pela leitura. Quer isto dizer que o encontro de duas pessoas, historicamente situado, passa a desenrolar-se a outro nível que, sem negar o plano existencial, como que o transcende para vir colocar-se num sublimado patamar: abandonam-se circunstâncias triviais ou confidências fundamentalmente (auto)biográficas para se reter, sob forma de um presente eterno, a quintessência da experiência do “não-vivido”,¹⁰ ou seja, a absolutização da experiência com a linguagem/ a poesia, tanto lida como escrita.

Assim, depois dos já citados poemas, não só mais nenhuma referência concreta será feita a esses tempos idos de convivência pessoal entre Ramos Rosa e Robert Bréchon, como o intitulado do poema seguinte – “Après une relecture de “Voz Inicial” (1960) – remete logo, significativamente, para uma relação que começando por ser a de um eu-leitor (Robert Bréchon) com um tu-poeta (Ramos Rosa), acaba numa relação de co-auto-

⁷ Num dos raros desvios de sentido na tradução, Robert Bréchon transformou, consciente ou inconscientemente, uma evocação (em pretérito imperfeito) numa condição contínua até ao presente: “Tu n’étais pas un étranger puisque la France **est** ma seconde patrie / la patrie des poètes et des philosophes que j’**aime**”, p. 55 [s.n.]

⁸ Texto traduzido por António Ramos Rosa e publicado no *Diário de Lisboa*, 29/9/1983.

⁹ Editada pela Christian Bourgeois e com tradução portuguesa: *Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*, Lisboa, Quetzal, 1996. .

¹⁰ No sentido em que Philippe Lacoue-Labarthe, debruçando-se sobre a poesia de Paul Celan, fala de “experiência”, não como “Erlebnis” mas como “Erfahrung”: “Je dis *expérience* parce que ce dont “jaillit” le poème, ici – la mémoire d’un éblouissement, c’est-à-dire aussi bien le pur vertige de la mémoire –, est justement ce qui n’a pas eu lieu, n’est pas arrivé ou advenu lors de l’événement singulier auquel le poème se rapporte, mais qu’il ne rapporte pas (...)”, in Philippe Lacoue-Labarthe – *La Poésie comme Expérience*, Paris, Christian Bourgeois Editeur [1^o ed.1988], pp. 30-31.

ria, inscrita na continuidade com que o poeta-leitor prolonga o canto do poeta-outro:

*Toute une vie a passé dans ton chant
Je la recueille dans mes vers et je remonte
Avec toi le cours du fleuve de la parole
Pour boire à cette source vive du poème. (pp. 56 e 58)*

O livro pouco a pouco escrito pelos dois amigos de longa data desvia-se, portanto, daquele que poderia ser um registo partilhado de memórias nostálgicas, para fazer emergir a fluência de um pensamento poético tecido na interpenetração de palavras e sensações que, no seu movimento de digressão fragmentada, está longe de se impor como um manifesto ou como uma qualquer arte poética normativa, construindo antes um espaço comum de ensaio decantado, onde as interrogações e as perplexidades se deixam atravessar por algumas convicções partilhadas.

2. O título escolhido para coroar a troca de correspondência poética havida entre os dois autores ao longo de 1993, inscreve inevitável e deliberadamente esta prática de escrita a dois na longa tradição das meditações, não só religiosas e filosóficas, como ainda e sobretudo nas poéticas, desde logo as do poeta francês Lamartine, mas sem esquecer também as de outros poetas românticos, ingleses e alemães.

O prefixo “meta-” com que Ramos Rosa e Bréchon se desviam do célebre título lamartiniano parece, todavia, condensar aquela que é a distância histórica e a correspondente distinção estética entre a obra do poeta de “Le Lac” e a destes dois poetas contemporâneos. Não que se possa continuar a subscrever o cruel julgamento de Flaubert quando se referiu a Lamartine como um “espírito eunuco”, autor de um “lirismo tísico”; não que se reduza as suas *Méditations Poétiques* à síntese lacónica com que o editor as apresentava em 1820: “épanchements tendres et mélancoliques des sentiments et des pensées d’une âme qui s’abandonne à ses vagues inspirations”. Ao invés de alguma vulgaridade acerca do autor de poemas como “Le Vallon”, poderemos até subscrever a posição de Michel Collot quando, na sequência da sua tese de um sujeito lírico descentrado (“hors de soi”), rebate a tendência maioritária para associar o lirismo romântico à expressão de um imperialismo do Eu. É nesse sentido, aliás, que contribui para de certo modo reabilitar Lamartine, sobretudo a visão de sujeito lírico que o próprio autor de *Méditations Poétiques* desenvolveu no prefácio de 1849, realçando o que esse sujeito representa como entidade de absorção e repercussão de todas as comoções interiores e exteriores.¹¹ Seguindo a tese defendida pelo mesmo ensaísta em *L’Horizon Fabuleux*, e no quadro das relações entre subjectividade e intersubjectividade ao abrigo da “alma romântica”, é exactamente enquanto iniciador da exaltação romântica do sujeito, que Lamartine contribuiu, como acontece com os românticos em geral, para a destituição da sua autonomia e centralidade, uma vez que, como argumenta Michel Collot, “Le je éprouve déjà sa dépendance vis-à-vis d’un Autre dont la différence et la transcendance l’empêchent de se fixer dans une identité close sur elle même”.¹² O sujeito romântico terá, pois, representado o mais evidente prenúncio da crise (divisão, fragmentaridade) de iden-

¹¹ Cf. Michel Collot – “Le sujet lyrique hors soi”, *Figures du Sujet Lyrique* (sous la direction de Dominique Rabaté), Paris, PUF, 1996, p. 117.

¹² Cf. Michel Collot – *L’Horizon Fabuleux – I – XIX Siècle*, Paris, Librairie José Corti, 1988, p. 62.

tidade poética que a célebre trindade Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé se encarregaria, a seguir, de fazer deflagrar de modo irreversível.

Mas se o eco de Lamartine em *Méditações Metapoéticas/Méditations Métapoétiques* é inegável e até bastante simbólico pelo facto de muita da poesia contemporânea viver ainda sob uma modernidade romântica, a verdade é que Ramos Rosa e Bréchon anunciam e destacam, com o acrescido prefixo do título, a transcendência auto-reflexiva que não era exactamente o propósito e o modo do “gémissement ou cri de l’âme” de Lamartine. Não só o poeta de *Méditations Poétiques* continuou sujeito à velha forma (assim o denunciará Rimbaud, mesmo se nele reconheceu prenúncios visionários), como a sua poesia, tendencialmente confessional e sentimental, se enraizou na fé de um horizonte divino (independentemente de dúvidas racionalistas do Lamartine civil), segundo o qual a terra, para o sujeito poético, não passava de “um lugar de exílio, luto e miséria”¹³: “Sur la terre d’exil pourquoi resté-je encore?/Il n’est rien de commun entre la terre et moi” – lamenta-se o poeta, logo na composição preambular intitulada “L’Isolement”.¹⁴

Como desta leitura se depreenderá, outras são as posturas enunciativas e as cosmovisões dos poetas de *Méditações Metapoéticas/Méditations Métapoétiques*, indubitavelmente radicadas na modernidade estética que, prolongando, é certo, a vertente reflexiva de um certo romantismo (em especial, aquele que decorre do primeiro romantismo alemão ou de românticos ingleses como Coleridge e Wordsworth), se desdobra, se refracte e (se) reflecte, numa constante *mise en abyme* especular e especulativa, cumprindo aquela que continua a ser a função essencialmente moderna da poesia: problematizar-se a si mesma, como que a preencher o vazio deixado pela ausência de uma transcendência divina.

3. No prefácio que assina para a obra conjunta, Robert Bréchon reconhece que, para além das “liberdades tomadas com Lamartine”, houve uma inflexão no decurso desta escrita lúdica tornada livro: rapidamente os autores se desviaram daqueles que começaram por ser os pólos de referência de uma digressão a dois em torno de alguns núcleos temáticos como a Europa, a Amizade, o Amor, a Morte e a Poesia, designados nesse prefácio como lados do “pentágono mágico”(p. 11). Ora, essa retirada da esfera do pré-determinado, esse extravasar de uma intenção, de um tema ou programa preliminares era previsível, desde logo, no contexto da poética ramos-rosiana e da sua tradição de metapoesia,¹⁵ que, por sua vez, se integra numa tendência mais vasta e transnacional, subscrita por todos os poetas contemporâneos que, defensores de uma poesia radicalmente livre, continuam a deixar-se conduzir pelo impulso moderno de um lirismo (auto-) crítico. De resto, Robert Bréchon não deixa de apontar, muito certa e lucidamente, as razões mais profundas da deriva nesta aventura poética a dois:

L’imagination poétique a son système propre. Elle a son orient, qui n’est pas celui de la géographie ; sa mémoire, qui n’est pas celle de l’histoire ; son émotion, qui n’est pas celle des choses de la vie ; son langage, qui n’est pas celui du discours logique. La poésie n’a pas d’autre

¹³ Vd. Lamartine – *Méditations Poétiques* (1820) in *Oeuvres Poétiques*, Paris, Gallimard, Coll. Bibliothèque de la Pléiade, 1963, p. 48.

¹⁴ *Idem*, p.4

¹⁵ Vd. Ana Paula Coutinho Mendes – *Mediação Crítica e Criação Poética em Antônio Ramos Rosa*, Vila Nova de

“sujet” que la poésie. Tout le reste n’est là que pour la figurer, et elle-même est la métaphore ou la métonymie de tout le reste. (p. 10)

No âmbito de uma poesia que elege como motor criativo a reflexão sobre si mesma, toda a referencialidade, ou seja toda a relação estabelecida com aquilo que a rodeia, ergue-se como reflexo segundo e não como mera entrega a um ímpeto primeiro. Se já pelo seu funcionamento metafórico, a poesia opera uma redescritção lírica do mundo, tal como ressalta da análise aguda que Paul Ricoeur fez da interligação entre metáfora e referência no discurso poético¹⁶, no quadro específico da metapoesia, também naquilo que literalmente a provoca, existe já um desvio prévio, porquanto é reflectindo-se (ou pensando sobre si mesma) que ela reflecte tudo o resto. Por isso mesmo, pode ler-se, logo nos versos que abrem o livro, uma poética implícita que aponta para a mais intrínseca e radical desvinculação ou gratuidade deste encontro reflexivo, realizado sob o signo do ludismo e do despojamento de uma entrega recíproca:

*Deux miroirs nus face à face
Se reflétant l’un dans l’autre
Mais ne reflétant rien que leur lisse
Paroi d’absence leur leur vaine
(...) (p. 16)*

Mais adiante, o mesmo poeta virá ainda a admitir que “L’attente intransitive est notre lot”(p. 88), e tanto um autor como o outro pontuam regularmente este percurso conjunto com momentos de auto-avaliação, decorrentes da auto-reflexividade da própria poesia, onde sobressaem a frontalidade das dúvidas (“Talvez seja gratuito este desejo e dom/ de dar nomes/ que o vento e o silêncio há-de apagar”, p. 12), bem como a lucidez desengañada não só em relação às eventuais expectativas criadas em torno desta prática poética em concreto, como também, e sobretudo, em relação à escrita em geral (“Écrire est une façon de manquer la cible”, p. 124). Também aqui, poder-se-ia invocar toda uma tradição romântica e moderna de descrença, quando não angústia e renúncia por parte dos poetas, de certo modo proporcionais a todo o entusiasmo e a todos os desígnios colocados no poder redentor da imaginação poética. Coleridge chegou a desesperar, Lamartine praticamente abandonou a poesia em nome de uma carreira política, Rimbaud largou tudo inesperada e precocemente, parecendo ter renunciado a tornar-se epígono de si mesmo, Mallarmé não escapou a uma crise espiritual e a um intrínseco bloqueio de escrita, resultante do seu terror face à impotência do próprio poema...isto para apenas citar alguns dos poetas já anteriormente evocados, dado que a lista é longa no tempo, para além de atravessar diferentes línguas e culturas.

A esse nível, tanto Ramos Rosa como Robert Bréchon são exemplos de como muita da poesia moderno-contemporânea, longe de erradicar ou de estrategicamente contornar a condição trágica tanto da vida como da poesia, interioriza os lastros de cepticismo ou de negatividade para deles renascer, ainda que seja esforçada e pontualmente. De facto, é esse vazio prévio e essa impossibilidade literalmente radicais que funcionam como força propulsora da própria poesia, cuja “volúvel identidade”, declara Ramos Rosa, “é a de ser sem ser e que por não ser inicia”(p. 106). Robert Bréchon assume, de uma forma geral, mais reservas quanto à assimilação entre poesia e a “verdadeira vida” ou quanto à

16 Cf. Paul Ricoeur – *La Métaphore Vive*, Paris, Seuil, Coll. Points, 1975, p. 301.

perenidade de ambas (“Tout sera effacé/Tout sera oublié.”, p. 148), mas mesmo quando caracteriza esta escrita dual como “contorções à beira do abismo”, como uma “dança inútil” ou como um “jogo de palavras vãs” é para apelar – baudelairement – à sua continuidade:

*Continuons donc nos arpèges nos gammes
Nos jeux de mots aussi vains que des jeux de mains
Écrire aussi est une drogue
Et le poème est un “voyage” (p. 332)*

Existe, então, neste caminho de palavras um permanente equilíbrio instável entre forças opostas. Apesar de se estar perante dois poetas que já muito viveram e escreveram, a sabedoria que lhes advém dessa longa experiência não subentende qualquer imobilismo ou comprazimento, muito pelo contrário, prevalece a constante inquietação. Sobretudo nos poemas de Ramos Rosa, mediante uma dinâmica que, mais do que habitual, lhe é intrínseca, demarcam-se todo um conjunto de adversativas que logo resgatam o poema e/ou o poeta, quando este(s) parece(m) soçobrar.¹⁷ Todavia, essa passagem não opera nenhum tipo de transmutação beatífica que remeteria o poema/o poeta para um qualquer posto cristalizado de imunidade. Com efeito, a poesia de António Ramos Rosa conjuga exemplarmente a dimensão “sentimental” (no sentido “reflexivo” e especulativo” que Schiller atribuiu àquele adjetivo) e a “ingenuidade de segundo grau” que Yves Bonnefoy revelou num poeta de exceção como o oitocentista italiano Leopardi,¹⁸ de modo que a tarefa poética acaba sempre por apresentar, no poeta português, traços de um destino sísfico que, como Albert Camus concluiu e Ramos Rosa parece aqui corroborar, se impõe imaginar feliz:

*Teremos de descer até ao fundo da lava
E sentir a friçadez da sombra que está no fundo de tudo
Teremos então num incerto vaivém
De subir e descer e do abismo ao solo solar
Da lucidez inebriante à viscosa agonia
Tecer a intermédia melodia da ascensão e da queda
Na sucessão dos instantes na sequência das palavras
Para que possamos viver no equilíbrio ténue
Como numa torre transparente mas de obscuros veios
E consagrar o luminoso mercúrio
Que liga a cinza futura e já preterita
À ingénua insurreição da nossa inocência original (p. 94)*

4. Sem que cumpram qualquer roteiro prévio, estas digressões poéticas não deixam de esboçar alguns lugares de pensamento em torno da poesia e das relações com o mundo que dela extravasa.

¹⁷ Vd. entre tantos outros, os poemas das págs. 118, 182, 216, 298 e 352.

¹⁸ Vd. Yves Bonnefoy – *L’Enseignement et l’Exemple de Leopardi*, William Blake, 2001. Partindo da oposição shilleriana entre “poesia sentimental” e “poesia ingénua”, e revendo-a também à luz do exemplo de Leopardi, Jean Claude Pinson desenvolve uma interessante leitura da poesia contemporânea francesa, que ao mesmo tempo pretende ser um programa implícito de superação de um estádio nihilista, pela aposta num “ethos” poético, ou seja, concebendo a possibilidade de a poesia representar uma forma de ser ou habitar no mundo. (vd. Jean Claude Pinson – *Sentimentale et Naïve – Nouveaux Essais sur la Poésie Contemporaine*, Seyssel, Éditions Champ Vallon, 2002).

Um desses lugares imaginários de relação é a ideia de Pátria que aqui, muito longe de alguns sentimentos nacionalistas e românticos de Oitocentos, remete antes para um “no man’s land de sonho”(p. 285), uma “região onde poderemos viver/ Sem fronteiras à luz de uma fé/Viva (...)”(p. 69). É esse espaço significativamente indeterminado que configura a distância real e simbólica que não só separa os dois poetas, como é também condição do seu encontro (“L’espace entre nos pas sera notre patrie”, p. 68).

Dado que a pátria de nascimento, assim como qualquer outro legado (língua, nome, rosto...), não correspondem a nenhuma escolha própria, surgem secundarizados em relação a todo o lugar de identidade ou autenticidade conquistadas (p. 82), o que aliás vem ao encontro de todo o imaginário em torno de uma “pátria” mais ainda prospectiva do que histórica, que Ramos Rosa viria a desenvolver num outro livro posterior a esta aventura de escrita alternada com Robert Bréchon, e onde se pode ler:

*Se a pátria é uma herança ela é também o espaço que está à nossa frente
em que temos de projectar as suas dinâmicas linhas
em que vibrará o ritmo do nosso sangue e da nossa respiração
porque ela será a realidade do que em nós é a irrealidade do nosso ideal*¹⁹

No âmbito daquele que se apresenta como um enraizamento sobretudo ideal ou abstracto, ganha especial destaque em *Meditações Metapoéticas/Méditations Méta-poétiques* a referência mitológica à Europa – um *topos* que, para Robert Bréchon, surgira como impulso primeiro para este diálogo poético franco-português. Logo num dos primeiros poemas, o poeta francês dá voz à jovem filha do rei de Sídon, como que a fundamentar aquela que terá começado por ser a unidade primordial de um continente sem fronteiras, e a confirmar uma comunhão com o seu correspondente poético (“Oui ton pays est mon pays”, p. 26), uma vez que, antes mesmo de ser sentimento ou fruto de uma opção, essa união radica na própria história mítica da Europa. O mesmo poeta insistirá nesta referência ao entretanto conhecido como “Velho Continente” em mais dois momentos: primeiro, para denunciar aquela que tem sido a História contemporânea de uma Europa dividida, em que uma das suas partes ignora a outra, terrivelmente sacrificada pelas mais recentes e violentas reorganizações internas (“Autre Europe lointaine et proche poignardée/Par l’excès de désir des guerriers en colère/Déjà devenus fous de l’absence de Dieu”, p. 42). Depois, mais adiante no livro, arrisca uma utopia em torno da Europa, vendo-a como um lugar fundamentalmente móvel, isto é, lugar de chegadas e de partidas, liberta de um passado mítico e aberta, de novo, a todas as viagens e mestiçagens (pp. 324-326).

Embora a voz de qualquer um destes poetas seja suficientemente contida para arroubos messiânicos e, portanto, já não se faça ecoar com o timbre profético dos românticos, existe nela uma subtil esperança que resiste, depois de derrubados outros ideais, fazendo assim perdurar “a ficção de uma nova integridade” (p. 100), que em si mesma ergue mundos sonhados de uma nova humanidade: “Je rêve d’un homme nouveau” (p.180) – assim admite Robert Bréchon para, noutro passo, também sustentar: “nous ne sommes que les bourgeois/ D’une immense fleur à venir”(p. 270).

No entanto e curiosamente, o poeta francês é também aquele que aqui assina as visões mais desiludidas do mundo, bem como algumas suspeitas acutilantes sobre a

19 António Ramos Rosa – *Pátria Soberana seguido de Nova Ficção*, Vila Nova de Famalicão, 1999, p. 16.

António Ramos Rosa e Robert Bréchon:
dois poetas ao espelho de uma poesia sem fronteiras

crença autotélica da modernidade (p. 74), de tal modo que chega a ser bastante evidente o efeito de contraponto entre a sua mundividência e a de António Ramos Rosa. À angustiada desilusão daquele, responde muitas vezes – como efeito de sucessão no livro – a tranquilidade e a placidez do poeta de *Acordes*. A título de exemplo, atente-se no poema 43, em que Robert Bréchon se deixa levar pela possibilidade do fim de tudo, ao que se segue uma alegoria ramos-rosiana de renascimento, sustentada em imagens de tranquilidade, emergência, canto, unidade e frescura. Celebrado como um “campo de sossego”, o poema de Ramos Rosa ergue-se da transfiguração que lhe permite aceder a uma epifania da “verdade sublime” (Philippe Lacoue-Labarthe): “Tudo está encerrado e aberto/ para aquém do destino e dos demónios” (p. 150).

Mais adiante no livro, voltamos a deparar com o desencanto na mundividência bréchoniana, através da contraposição discursiva tanto entre o desejo (o sonho) e a realidade, como entre a vida e a morte:

*On voudrait que la vie
Soit aussi propre que la mort
Et l'on rêve aussi d'une mort
Aussi vivante que la vie*

*Mais non la vie est désordre et puanteur
Et la mort le retour à l'ordre fulminant
De ce qui n'est même plus une idée
Mais l'absence de ce qui ne sera jamais*

Ora, encadeado a este, o poema de Ramos Rosa começa por negar que a morte possa anunciar um “adeus definitivo” e, admitindo a sua presença latente em toda a vida e em todo o universo, associa-a uma lacuna constitutiva, absoluta e indispensável a toda a construção – se bem que frágil – de um horizonte para a vida. E se nesta sequência de poemas em concreto, Robert Bréchon insiste na visão sombria do futuro (“Un jour tout sera noir/Ou de la couleur qui pour une absence de regard est le noir”, p. 258), Ramos Rosa acaba por deslocar a questão da morte, transferindo-a do plano futuro e existencial para uma ruptura prévia na condição de poeta, mediante a qual a procura de uma existência poética pressupõe já uma convivência íntima com os sinais da negatividade. Daí que – e em última análise – não possa vir a morrer quem já antes se rendeu a uma forma de morte...

*Como poderei morrer se fugi à infatigável lentidão da existência
e perdi a aderência de um réptil a uma pedra
e não sou mais do que um nome errante
que procura a identidade
nos arabescos do seu hálito funéreo? (p. 260)*

Cumpre, aliás, sublinhar que esta forma de desvio é tanto mais importante quanto se integra numa constante da obra ramos-rosiana, por via da qual a exaltação da vida no/do poema está sempre muito para além do que tem sido a existência e a mundividência civis do seu autor. Isto mesmo já fez notar Robert Bréchon, numa das suas mediações críticas deste poeta português em França:

Rien ne me frappe autant chez Ramos Rosa, depuis plus de trente ans de fréquentation assidue, que ce contraste entre le malheur existentiel et l'intense jubilation de l'écriture. Je ne

*connais personne qui ait un sentiment aussi tragique de la vie, au point de regretter d'être né, mais il n'y a pas non plus de poète plus heureux de chanter la beauté du monde. À son angoisse fondamentale répond son incessant émerveillement.*²⁰

Note-se, todavia, que o próprio co-autor de *Méditações Metapoéticas/Méditations Métapoétiques*, no decurso de um dos seus poemas, virá a reconhecer que “La fatigue d'exister/cède la place à l'étonnement d'être” (p. 48), corroborando, aliás, uma característica da sua obra poética, onde – como já uma vez salientou o seu leitor António Ramos Rosa – “É constante, também, o tom de coragem e de perseverança que não se deixa vender [*sic*] inteiramente pela adversidade”.²¹ Essa abertura constante à surpresa faz com que seja mais importante aquilo que o poema /a poesia edificam do que qualquer realidade prévia; por conseguinte, o movimento intrínseco a esta poesia é o da errância em busca de um “horizonte novo”(p. 104), e já não tanto o dos retornos implícitos do imaginário romântico do exílio. Quando existem referências a um tempo/lugar genésicos, estes não deverão ser entendidos como sinal nostálgico de um passado, porquanto “As raízes vão à frente. Puxam-nos para a frente”,²² e, por conseguinte, trata-se de uma génese não exactamente temporal mas lógica, ou seja, representa como que um arquétipo de pensamento de incidência metapoética, em função do qual a busca da pureza das palavras supõe a única versão possível e intrínseca de uma realidade paradisiaca ainda (e sempre) por vir:

*Ah! retrouver la parole nue
Puisqu'il n'y a plus d'autre Eden (p. 46)*

Perante tal empresa tendencialmente, se não mesmo, infinita, com facilidade se imagina que esta forma de troca metapoética poderia ter continuado indefinidamente. A dado momento, escreve Robert Bréchon: “Les jeux sont faits et notre livre/ S'en va en boitant vers l'indéfini/D'un dessein qui ne s'accomplira pas” (p. 308). Incorporado o desígnio mallarmeano de uma arquitectura espiritual à escala infinita do Universo, acaba também por entranhar-se a sua radical impossibilidade. Na sequência de vezes que as *Méditações Metapoéticas/Méditations Métapoétiques* encenam, cabe ao poeta francês desacelerar decisivamente (como se fora o volante na “Ode Marítima” de Álvaro de Campos) nesta viagem em torno da poesia. E os seus versos de balanço final não escondem aquela que não deixa de ser uma amarga auto-desmistificação do trabalho poético em geral:

*J'ai cru que le poème était
Une parole d'homme un appel d'ange
Le cri d'une bête blessée
Il n'est que le froid regard vertical*

²⁰ In Prefácio a *À la Table du Vent*, Nantes, Le Passeur, 1995, p. 10. Também o amigo de ambos, Vergílio Ferreira, havia apontado na sua *Conta-Corrente* da década de 70, essa relação paradoxal entre a vida e a poesia de Ramos Rosa: “(...) ele e a obra nunca se entenderam muito bem. Os versos falam da luz, da alegria, mesmo da vida discreta e em pacificação. Ele, porém, ficou sempre de fora, um pouco espantado de que a alegria e a vida existissem. Tem passado no mundo, atrapalhado com tudo, e a festa que tem cantado é para os outros, não para si.” In *Conta-Corrente 2* [1977-1979], Lisboa, Bertrand Editora, 1990, p. 187.

²¹ Cf. nota que acompanha a tradução de “Ode a Fernando Pessoa”, publicada no *Diário de Lisboa*, 29 de Setembro de 1983, p. 3.

António Ramos Rosa e Robert Bréchon:
dois poetas ao espelho de uma poesia sem fronteiras

*Qui fait des choses des images
Et des images des mots.*(p. 358)

A réplica de Ramos Rosa vem, de seguida, corroborar o escoamento desta dinâmica, a sua redução a um “zero/ onde se anulam todos os nossos gestos”(p. 360); todavia, a última intervenção de Robert Bréchon, por interposta voz de Paul Celan, a exortar que aquele que fala não separe o “Sim” do “Não”,²³ irá dar o mote do poema derradeiro do livro, onde Ramos Rosa (corroborado, note-se, pelo leitor-tradutor Bréchon), depois de insistir na trama metafórica da negatividade e da impossibilidade, tanto pelo léxico como pela sintaxe, termina, deixando mais uma vez em aberto a possibilidade de o poema ser, pelas suas fulgurações internas, pelas conjugações de estados contraditórios, uma explosão subversiva de vida no deserto da humanidade, à imagem do que ainda numa tradição romântica haviam desejado, e por excelência, os surrealistas:

*Às vezes as veias do poema são de lava
E é talvez o sangue da terra que nelas pulsa
Como um tumultuoso vinho que estilhaça as comportas
E inunda os campos áridos dos homens* (p. 364)

5. Tal como já se apontou no início deste estudo, a característica verdadeiramente inédita desta escrita poética a dois (pelo menos no domínio do dialogismo poetográfico de Ramos Rosa) reside não apenas no seu bilinguismo, como também no facto de, para a edificação final do livro, cada um dos poetas participar igualmente como tradutor do outro.

Se é verdade que terão certamente pesado os circunstancialismos editoriais na existência de tradução, não é menos oportuno que se explore o efeito discursivo e poetológico dessa reversibilidade de papéis entre os dois poetas. Obviamente, o mais importante não é que, por virtude da tradução, o livro tenha adquirido o dobro de poemas, mas o que isso representa de acrescida reflexão em torno da poesia, uma vez que cada um dos poetas foi levado a integrar-se neste diálogo metapoético não só pela leitura do(s) poema(s) do outro, o que já em termos de pragmática comunicacional implica uma compreensão-tradução, mas também pela própria passagem do poema original para o poema traduzido, no decurso da qual o poeta-tradutor refaz, num sentido inverso, todo o processo criativo do poema do outro.²⁴ Existe, por conseguinte, uma redobrada dimensão metapoética que, tendo estado já implícita no decurso deste “poema contínuo” em duo, acabou por ver-se materializada na concepção final do livro.

Entretanto, quando Robert Bréchon escreve, a página 128, que “Tout poème est traduit d’une autre langue”, está a aflorar uma outra questão nuclear, que radica no facto de todo texto poético (em qualquer língua que seja) pressupor já em si-mesmo uma tradução ou transformação de um discurso mais vasto que, à partida, representa sempre uma espécie de língua estrangeira:

*Car les poètes sont les messagers du rien
Et toute langue est étrangère.* (p. 128)

²³ Um poema, aliás, bem conhecido e interiorizado pelo poeta português que o transformou em epígrafe e título do livro, já atrás referido, *O Não e O Sim*.

²⁴ Cf. George Steiner – *Après Babel – Une poétique du dire et de la traduction*, Paris, Albin Michel [Tradução da edição definitiva e ampliada de *After Babel: Aspects of Language and Translation*, Oxford University Press, 1998], p. 62.

Já antes associado a falante de uma “*langue de nulle part*” e de uma “*langue de personne*” (p. 68), o poeta surge assim como aquele que naturalmente transita entre línguas – conhecidas e desconhecidas – e que, por conseguinte, é intrinsecamente tradutor e induz à tradução. Ao mesmo tempo, dissipa-se a distinção de princípio entre poema original e poema traduzido, uma vez que todos os textos originais são traduções, assim como as traduções acabam por ser textos originais. Esta concepção de poesia como texto intrinsecamente traduzido e/ou em processo contínuo de tradução leva-nos também a pensar que o problema da tradução do texto poético não reside, como bem apontou João Barrento, nas “relações intersistêmicas (de língua a língua)”, mas sim [numa] operação transsistémica (...) que tem a ver com o nível mais amplo do discurso e com o tipo de transformação do mundo pela linguagem que é atributo exclusivo do *fazer poético*.²⁵

Ora, no livro em análise, para cada um dos poetas, a tarefa ou o papel de tradutor do outro, parece estar à partida facilitado, não só porque cada um deles conhece o idioma do outro e ambos são línguas românicas, mas também e sobretudo, porque, ao partilharem versões do mundo afins, o poema original se inscreve mais facilmente no horizonte de experiência do poeta-tradutor.

No entanto, importará não esquecer que quando há uma manifesta proximidade entre o tradutor e o texto a traduzir, desenvolve-se aquilo que o autor de *Après Babel* classifica como “relações ambíguas e dialécticas”, pois pressupõem ao mesmo tempo “uma afinidade electiva” e um “núcleo de resistência irreduzível”.²⁶ Este aspecto é tanto mais importante quanto ajuda a desenvolver neste livro em edição bilingue um efeito de homologia entre essa dialéctica da tradução e a dialéctica da criação poética, na sua própria dinâmica tensional.

Com efeito, a inclusão dos poemas traduzidos, para além de vantagens práticas a nível de recepção dos leitores, não só se reveste como materialização de uma linguagem que, à imagem de qualquer tradução, simultaneamente une e divide,²⁷ como também ajuda a reiterar a dialéctica entre a distância e a proximidade que, tendo presidido já ao processo criativo deste livro por via de uma correspondência epistolar e poética, subjaz também à tessitura semântica de um número considerável de poemas, de que, a título de exemplo, se pode destacar mais este excerto metapoético:

*Le poète est un archer dans la nuit
La cible toute proche est à une distance
Infinie (...) (p. 48)*

Existe aqui, como em qualquer dos outros (auto)retratos reflexivos do(s) poeta(s), uma desdobrada clarividência crítica que, a cada instante, faz lembrar a cesura ou intervalo ontológicos,²⁸ em função dos quais a poesia não pode ser senão uma “liturgia da distância” (p. 214), embora ao mesmo tempo o poeta procure celebrar aquela que é também a sua vocação demiúrgica:

Tu sabes que não há resgate para a impossível ferida

²⁵ Cf. João Barrento – *O Poço de Babel – Para uma Poética da Tradução Literária*, Lisboa, Relógio d'Água, 2002, p. 61.

²⁶ Vd. George Steiner – *op.cit.*, p. 490.

²⁷ *Idem*, p. 324.

*da separação original mas o teu alento azul
projecta-se na página com o alvor de um nascimento (p. 216)*

Quando levados a transferir da língua do outro para a própria esse “alvor de um nascimento” no âmago do fazer poético, cada um dos poetas não se limita a reproduzir desalentos e impulsos alheios, antes (re)vive a experiência da diferença, que sendo já à partida a diferença do outro e a da sua língua, representa também a diferença decorrente da própria experiência relacional a que obriga a tradução e que o texto traduzido materializa como uma espécie de língua terceira: língua de ninguém e sempre errante.

6. Nunca será demais insistir na ideia de que *Meditações Metapoéticas/Méditations Métapoétiques* não é exactamente uma obra em co-autoria (como aconteceu com uma das mais recentes publicações em que Ramos Rosa aparece como co-autor – *Cada árvore é um ser para ser em nós*²⁹) e tão-pouco é apenas um livro de dupla autoria.

De facto, obras colectivas há – e refiro-me apenas àquelas organizadas pelos próprios autores – que se limitam a ser colectâneas mais ou menos equilibradas de textos de mais do que um autor. Lembre-se, a propósito, as célebres *Lyrical Ballads* de W. Wordsworth e de S.T. Coleridge, que, consideradas como o verdadeiro “manifesto” do romantismo inglês, não deixam de constituir uma publicação, anónima na primeira edição, e que só foi conjunta por necessidade económica e amizade dos seus autores. De resto, e como tem sido apontado pela crítica, a ideia de coerência em termos de dicção poética nessa obra pioneira foi mais um efeito de ilusão epigonal do que um propósito ou do que uma realidade, sobretudo para quem se apercebe das diferenças entre as composições daquele (Wordsworth) que acabaria por ser conhecido sobretudo pelas suas teorias poéticas (e subjacentes nos Prefácios às sucessivas edições de *Lyrical Ballads*), e as de Coleridge que, a par de outros poemas posteriores, vieram a ser largamente traduzidos e comentados.

No caso deste livro conjunto de António Ramos Rosa e Robert Bréchon (à imagem do que acontece na restante obra poética ramos-rosiana escrita em colaboração) não se está perante um mero arranjo editorial, mas face ao resultado de uma prática de escrita, onde “os poemas estão a caminho” – diria Celan³⁰ – e pressupõem efectivamente diálogos entre os autores umas vezes implícitos, outras vezes mais explícitos, sem que, todavia, e à imagem do que aconteceu com os poetas ingleses citados, haja uma total consonância no dizer e na mundividência dos dois autores, tal como já se apontou anteriormente e como se pode também confirmar pela constatação e pela interrogação de incidências metapoéticas e de valor diferencial, expostas por Robert Bréchon no poema 77:

*Tes mots fluidifiés
En taches de couleurs
En parfums en étreintes en rumeurs
Me font sentir l'envers moelleux des choses
Dont je ne connais que les os et les arêtes*

*Il est donc possible de vivre
Dans l'amitié de tout cela*

²⁹ António Ramos Rosa / Paulo Gaspar Ferreira – *Cada árvore é um ser para ser em nós*, Lisboa, In-Libris, 2002.

³⁰ Vd. Paul Celan – *Arte Poética – O Meridiano e outros textos*, organização, posfácio e notas de João Barrento, Lisboa, Cotovia, 1996, p. 34.

*De toucher la chair de ce corps du monde
Dont je ne vois que le squelette aigü? (p. 218)*

Aliás, na base do diálogo e para que ele não seja um mero solilóquio ou uma forma enviesada de narcisismo, tem sempre que existir uma abertura ao Outro e à sua diferença, recuperando-se aqui, mais uma vez, a inferência da distância como factor intrínseco e necessário à relação. Apoiando-nos nas palavras do poeta, essa distância é, nada mais nada menos, do que a “garantia da liberdade”(p. 320), assim como só o reconhecimento da diferença pode selar o amor (*ibidem*).

Se é verdade que o termo “meditações” está mais ligado, por tradição filosófica e religiosa, a um movimento introspectivo, que pode tender para um solipsismo, estas *Meditações Meta-poéticas* desenvolvem-se sob o signo de uma concepção de poesia que, tendo interiorizada a fenomenológica “estrutura do horizonte”, pressupõe e opera uma abertura à alteridade que passa também e essencialmente pela relação intersubjectiva. Longe da exaltação da individualidade pessoal, estas meditações abrem-se ao confronto, desde logo, com um sujeito poético dividido, isto é, que reconhece o desdobramento e estranhamento inerentes ao próprio acto da escrita:

*Qui es-tu qui es un moi plus vrai que moi
Toi qui naquis tout armé de sagesse
Toi qui nais devant moi pour que je meure en toi? (p. 200)*

Mas não é só, nem exclusivamente, destas fissuras modernas que se nutre o dialogismo deste livro que parece romper com a especularidade narcisista, desdobrando-a como quem se recolhe a si, mas pela imagem do outro, tal como a célebre personagem mitológica surge refigurada num dos mais recentes poemas de António Ramos Rosa: “Esse é o Narciso que ao contemplar-se vê não a sua imagem mas a imagem do outro”.³¹

São, por isso, também frequentes as interpelações directas ao outro que não representa aqui apenas um motor de escrita ou uma presença virtual, como por exemplo em Paul Celan, mas corresponde igualmente a um destinatário concreto que o sujeito poético interpela, como quem replica:

*Ó meu amigo meu amigo como é doce a dolência
do teu canto e doce como uma guitarra num bairro de Lisboa
e tão doce como o cinzento do céu parisiense
Quel jour commence ici dans cette aube incertaine
Impossible promesse ou perpétuel retour? (p. 44)*

Os dois últimos versos, em bold-italico, assinalam a incorporação da fala do outro (Robert Bréchon), como acontece em tantos outros casos de cumplicidade intertextual por imitação, citação ou alusão. No caso de Robert Bréchon, chega a haver uma projecção total no discurso alheio através de vários “ready made”, nos quais o poeta francês se rende completamente à homenagem, fundindo a sua com a voz de outros poetas, e alargando ao mesmo tempo o diálogo a outros interlocutores implícitos. Parece-me, contudo, importante distinguir estes de alguns outros processos parodísticos que tanto têm animado aquilo que “à tort ou à raison” se tem catalogado como pós-modernidade. O

³¹ Cf. António Ramos Rosa – “Entre dois poemas o que já se apagou e o que não se acendeu ainda” (poema do

ludismo aqui nunca é desconstrucionista, antes se insere numa experiência gnoseológica que, desde o início, se associa a uma indagação matricial, solene e determinada: “Qui es-tu et qui suis-je pour connaître/Ainsi la vérité que cachent nos pensées?” (p. 16).

Essa demanda de identidade que, desde logo, rompe com a excelência de uma unidade anterior, pois não se compraz com o narcisismo prévio do “eu” mas abre-se à relação com a alteridade do “tu”, admitindo-o como prioridade – “car tout ce qui me vient de l’autre est plus humain/Que ce qui naît en moi”, 68³²– não se esgota, importa salientá-lo – numa questão de processo estético, porquanto vem claramente enquadrar o fazer poético no âmbito mais vasto de uma ética da relação interpessoal, em especial nos moldes em que ela foi preconizada por Lévinas em *Humanisme de l’Autre Homme* (1972).

O próprio facto de o poeta reconhecer que quando escreve fã-lo com o corpo do Outro (p. 284), faz emergir não apenas uma alteridade íntima, fruto de uma divisão interna, mas também a alteridade que decorre da relação na distância com o outro, tal como o poema a celebra:

*Ami voici je viens vers toi
Cherchant ma route à travers l’étendue
De la parole dépeuplée
Je vais vers mon destin comme à un rendez-vous (p. 38)*

Assim, nem a escrita resulta do mero cruzamento de poéticas individuais prévias, nem o Outro é apenas a contrapartida do Mesmo, porque pertence à constituição íntima do seu sentido e permite revelar a ipseidade do eu, como desenvolvidamente expôs o autor de *Soi-même comme un autre*.³³

É certo que essa abertura à palavra do outro faz parte do processo externo desta escrita a dois (cada um espera pelo poema do outro), mas implica um não menos importante processamento interno, por onde se inscreve uma temporalidade própria à alteração, enquanto subtil alteração em cada um dos sujeitos poéticos. Alguns dos poemas de Robert Bréchon são a este título particularmente eloquentes, como poderão confirmar os excertos seguintes:

*Tu m’as appris à ignorer
Ce que je sais Il me faut maintenant
Oublier que j’existe apprendre à m’ignorer
Entrer dans le cycle éternel
De l’immobile changement
De notre immuable métamorphose. (p. 112)*

*Ton poème est ce chant
Cet écho indéfiniment répercuté
De mon lointain intérieur (p. 300)*

³² Note-se, aliás, que com uma única excepção, os diálogos poéticos entre António Ramos Rosa e outros poetas, que resultaram em livro, começam sempre pela palavra/poema do outro poeta. Numa dessas obras, o próprio Ramos Rosa parece justicar tal facto ao escrever: “O outro é sempre o que inicia e está em nós e é mais do que nós/e é neste círculo fértil que voa um pássaro de chamás” – cf. António Ramos Rosa / Maria Teresa Dias Furtado – *O Alvor do Mundo*, Vila Nova de Famalicão, 2002, p. 26.

³³ Cf. Paul Ricoeur – *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, Coll. Points, 1990, p. 380.

Se, por vezes, parece decorrer deste livro, e até pelos exemplos evocados, um efeito de relação subtilmente hierarquizada como se de um Mestre e de um discípulo se tratasse (uma hierarquia para que de resto também aponta o prefácio de Robert Bréchon), esse efeito deve ser contrabalançado por aquela que tem sido, ao longo dos tempos, a “arborescência” da poesia ramos-rosiana,³⁴ sempre aberta “à novidade do instante” (p. 276) e ao(s) Outro(s), numa relação que tanto afecta como se deixa afectar (até ao limite máximo do plágio), sem distinções nem complexos. Aliás, relativamente à fenomenologia poética (em última instância, sempre o único denominador comum destes diálogos), Ramos Rosa tem reiteradamente assumido o papel de “aprendiz secreto”.³⁵ Aquilo que estas meditações intercaladas podem acrescentar ao hábito de um e de outro poeta reflectirem sobre o acto poético tem mais a ver com a forma como também é aqui deslocado o desiderato caro a alguns românticos, e a seus sucessores, de afirmação de uma individualidade pessoal e estética, sobrevalorizando-se pelo contrário uma profunda fraternidade, à imagem daquela para que António Ramos Rosa já apelava no início da década de 50.³⁶

Assim, quando na voz de um dos poetas é reconhecido que “Quem procura a diferença talvez encontre o comum/e no comum e no singular e no singular e no universal” (pp. 35-36), fica claramente evidenciado que na sua dinâmica de auto-reflexão do sujeito, estas meditações acabam por esbater as fronteiras entre singular e universal, porquanto a perscrutação do mais profundo de si conduz necessariamente às sinuosidades da natureza humana. Mas convém ainda acrescentar que é a própria experiência da escrita que leva estes poetas a pressentirem uma relação outra, a que Maurice Blanchot no seu *L'Entretien Infini* chamou, por empréstimo feito a Spinoza, uma “relação do terceiro género”³⁷ – sinónima de comunidade e, desde logo, na acepção possível de comunidade literária. Nesta existe, com efeito, uma relação recíproca em que não só cada um é alternadamente escritor e leitor, como ambos mantêm uma pertença comum à escrita, no sentido também blanchotiano, de um espaço de entendimento e de aliança criativa.³⁸

Bastante depois do Surrealismo e das suas experiências de escrita colectiva como soma de automatismos individuais, onde se jogou a libertação de condicionalismos de ordem intelectual, estética e social, esta escrita relacional levada a cabo por dois poetas (mas expansível a mais, como para tanto apela Robert Bréchon no prefácio) ensaia uma não menor libertação, ao delinear uma utopia da linguagem (e implicitamente da História), sob a forma de uma nova topologia do Ser e da palavra poética que extravase de qualquer identificação por demarcações externas e convencionais, como acontece com todas aquelas fronteiras que, em vez de provocarem encontros, separam.

São conhecidos os engodos, atavismos e simplismos a que podem conduzir tanto alguns pensamentos universalistas como a busca obsessiva de individualidades pessoais e nacionais. Num tempo histórico como o nosso, em que se vive as oportunidades da globalização mas também os seus riscos de totalidade, senão mesmo de totalitarismo, informe, em que tarda a encontrar-se lugares e formas de afirmação cultural europeia

³⁴ Cf. Ana Paula Coutinho Mendes – “A poesia arborescente de António Ramos Rosa”, *Espacio/Espazo* (no prelo).

³⁵ Vd. *O Aprendiz Secreto*, Vila Nova de Famalicão, Edições Quasi, 2001.

³⁶ Vd. “A poesia é um diálogo com o universo”, *Árvore*, Vol. II, 1º Fascículo, [Primavera de 1953], p. 12.

³⁷ Cf. Maurice Blanchot – *L'Entretien infini*, Paris, Gallimard, 1983 [[1969], p. 103.

³⁸ Cf. Maurice Blanchot – *Celui qui ne m'accompagnait pas*, Paris, Gallimard, 1983 [1953], p. 80.

António Ramos Rosa e Robert Bréchon:
dois poetas ao espelho de uma poesia sem fronteiras

que contemplem travessias entre as línguas e as culturas que dão corpo, simultaneamente singular e plural, à Europa, não pode senão ajudar a alterizar-nos (a alterar-nos) o exemplo destas duas vozes poéticas que experienciam e celebram a relação como fundamento de identidade e de sentimento pertença:

*Je n'habite pas ma langue ni toi la tienne
Babel n'est pas dans les bouches mais dans les coeurs
Nous marchons ici l'un vers l'autre
Nous parlons ici l'un par l'autre
Ce qui nous séparaît nous unira
L'espace entre nos pas sera notre patrie (p. 68)*